



O Primeiro Fotógrafo de Guerra Português

JOSÉ HENRIQUES DE MELLO

GUINÉ: CAMPANHAS DE 1907-1908

MÁRIO MATOS E LEMOS
ALEXANDRE RAMIRES

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COENBRA
COENBRA UNIVERSITY PRESS
U

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

MÁRIO MATOS E LEMOS

ALEXANDRE RAMIRES

O Primeiro Fotógrafo de Guerra Português

JOSÉ HENRIQUES DE MELLO

GUINÉ: CAMPANHAS DE 1907-1908

Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Conceção Gráfica

Alexandre Ramires

Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

Digitalização e tratamento de imagens

Alexandre Ramires

Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-8074-61-4

ISBN Digital

978-989-26-0440-4

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0440-4>

Depósito Legal

287673/09

Obra publicada com o apoio de:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal



C E I S 3 0
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO VÍCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COMISSÃO PORTUGUESA DE HISTÓRIA MILITAR

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

© NOVEMBRO 2008, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ADVERTÊNCIA

O principal objectivo deste trabalho é dar a conhecer o nome e a obra do primeiro fotógrafo de guerra português, José Henriques de Mello, que na então Província da Guiné efectuou algumas dezenas de fotografias da campanha 1908, que contou com uma força expedicionária enviada pelo governo português e chefiada pelo governador, 1º tenente João de Oliveira Muzanty. Faz agora um século.

A escassez de elementos sobre o fotógrafo – desconhecido de todos os especialistas portugueses, como António Pedro Vicente, pioneiro na investigação sobre e fotografia e os primeiros fotógrafos portugueses – é amplamente compensada pela riqueza do seu trabalho, como poderá verificar-se nas páginas que se seguem. A importância de José de Mello não deriva apenas do facto de ser – tudo o indica – o primeiro fotógrafo de guerra português, pois para além das fotografias obtidas na frente de combate, ou que retratam cenas, comuns nesta época, de grupos de oficiais ou de movimentos de tropas, não faltam documentos interessantíssimos, como o de um casamento em Bolama, o de uma representação teatral, também em Bolama, e numerosas e excelentes fotografias de carácter etnográfico, material a que o Dr. Alexandre Ramires deu o devido relevo.

As campanhas de Oliveira Muzanty na Guiné – em 1907 e 1908 – recebem aqui um tratamento desenvolvido, talvez mais desenvolvido do que elas – e os seus resultados – mereçam. Todavia, foram dois os motivos que me levaram a fazê-lo: primeiro, porque para apreciar devidamente o trabalho do fotógrafo é necessário explicar os cenários em que actuou; depois, porque estas campanhas estão bastante esquecidas, embora tivessem sido, na época, acompanhadas com certo cuidado pela imprensa: geraram numerosíssimas notícias, muitas crónicas e várias entrevistas, além de dois livros. Com efeito, em todos os principais diários portugueses surgiram numerosas notícias, antes, durante e depois das campanhas, e não faltaram os comentários dos correspondentes *ad hoc* ou de pessoas que os jornais entendiam estarem habilitadas para falar dos aspectos políticos ou militares das campanhas e da Guiné, geralmente comerciantes ou antigos oficiais que se encontrassem em Lisboa. Às vezes, eram até publicadas cartas chegadas da Guiné com descrições das lutas. Foi o caso, por exemplo, da narração que um oficial faz sobre as operações no Xime, em carta datada de Bambadinca, 8 de Dezembro de 1907, publicada pelas *Novidades* dias depois. Essa carta traz larga cópia de pormenores, até sobre a saúde do governador, apoquentado, diz, com “o paludismo que não o larga e com os cuidados de governo que têm sido grandes”. Nesses artigos e comentários, os jornais reflectem, naturalmente, as suas posições pró-governamentais ou oposicionistas, com relevo para os diários republicanos. Na imprensa levantam-se também questões interessantes, como se se devia, ou não, proceder à ocupação efectiva dos territórios, se se devia, ou não, enviar expedições a África.

Estas campanhas tiveram ainda dois cronistas de excepção, dois oficiais que participaram nas operações, um, do Exército, o tenente de Artilharia Luís Nunes da Ponte; o outro, da Marinha, o 2º tenente Frederico Pinheiro Chagas, um dos filhos mais novos de Manuel Pinheiro Chagas.

A Campanha da Guiné (1908) – Breve Narrativa, de Luís Nunes da Ponte, é uma edição de autor, publicada no Porto em 1909, fora do mercado, exclusivamente destinada a alguns amigos, e descreve as campanhas de 1908, nas quais participou. Nunes da

Ponte é extremamente crítico para a forma como se organizou em Lisboa a expedição que foi combater à Guiné, considerando que a “rapidez e precipitação” na constituição da coluna “muito contribuiu para tornarem duvidoso o êxito de tantos esforços”. Dada a sua distribuição privada e limitada, a imprensa não lhe fez referência.

Por seu lado, Frederico Pinheiro Chagas dirigiu-se ao grande público, reunindo num volume de 200 páginas [*Na Guiné - 1907-1908*], uma série de artigos que publicara nos *Anais do Clube Militar Naval*. O livro vendia-se, por 700 reis, “nas livrarias Ferin e Rodrigues e na tabacaria Mónaco”, todas em Lisboa. A *Revista de Infanteria* fez-lhe o elogio: “Por forma despretensiosa, mas em estilo elegante e corrente, descreve o sr. Pinheiro Chagas as diversas fases e todos os acontecimentos que se deram durante aquela campanha em que tomou parte distinta. O valor da sua narração é ainda aumentado com esplêndidas fotografuras dos oficiais que constituíram a coluna, de croquis de paisagens e de aspectos da região. O seu trabalho é precedido de uma extensa introdução onde faz a crítica da orientação que se tem seguido com relação à Guiné, onde rebate com argumentos valiosos a crítica acerba que por vezes se tem feito às campanhas coloniais e onde nos põe ao corrente das raças, hábitos e costumes dos povos que habitam aquela fértil colónia.”

Por fim, quero deixar algumas palavras de agradecimento: ao Dr. Alexandre Ramires, que, com incedível competência procedeu ao tratamento das fotografias de José de Mello; ao Doutor Luís Reis Torgal, pelo interesse e carinho com que acompanhou este trabalho, por cuja publicação muito se interessou, ao Doutor António Pedro Vicente, que imediatamente reconheceu a qualidade do fotógrafo e me estimulou a dá-lo a conhecer, à Dra. Isabel Beato, directora do Arquivo da Marinha, que me auxiliou na busca dos elementos biográficos de Muzanty; e, finalmente, à Dra. Maria João Padez de Castro, que quis acolher este trabalho entre as publicações da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Mário Matos e Lemos

O FOTÓGRAFO JOSÉ DE MELLO

José Henriques de Mello, ou José de Mello, como se assinava, nasceu em 1875, em Lisboa, filho de Vítor José de Mello, negociante e proprietário em Cabo Verde, baptizado em Lisboa, em Santos-o-Velho, e de Maria José Henriques de Mello, baptizada na igreja de Nossa Senhora de Conceição, na ilha cabo-verdiana do Fogo. Era irmão mais novo (seriam talvez dez filhos e José de Mello era o sexto) de João de Mello, que fora de Portugal para S. Vicente, onde abriu, em 1890, uma casa fotográfica, a “Mello Fotógrafo”, vencedora de um prémio na Exposição Insular e Colonial Portuguesa realizada no Palácio de Cristal do Porto em 1894. José¹ foi trabalhar para a Loja Nova, na Cidade da Praia, ilha de Santiago, mas depois deverá ter ficado a colaborar com o irmão.

Quando, no fim de 1907, foi feito o recrutamento de militares voluntários para a Guiné, José de Mello deve ter decidido acompanhar a expedição. Talvez tenha sido ele a propor ao diário *O Século*, de Lisboa, mandar-lhe fotografias do que se fosse passando, ou talvez o próprio jornal – que nessa altura publicava o semanário *Ilustração Portuguesa* – lhe propusesse a correspondência. Seja como for, a verdade é que a sua ida à Guiné transformou-o no primeiro fotógrafo de guerra português, o primeiro a estar presente numa frente de combate para enviar a um jornal o seu testemunho visual². Essa presença está comprovada não só pelas fotografias que tirou e que foram publicadas no *Século*, como também pelas duas referências que Frederico Pinheiro Chagas lhe faz no seu livro. Na primeira, na pág. 94, informa: “José de Mello, um fotógrafo de Cabo Verde, que nos acompanhou durante a campanha do Cuór. Dele são algumas das fotografias aqui publicadas”; na segunda, na pág. 108, escreve que no combate com os papéis, num vale que separava Bissau de Intim, “o fotógrafo José de Mello, que ia no quartel-general, ficou com a capa da máquina rasgada por uma bala”.

O Século, como atrás disse, publica, logo no início de 1908, algumas fotografias suas: um retrato de mulher, no dia 7 de Janeiro; no dia seguinte, as canhoneiras “Cacongo” e “Cacheu” no porto de Farim; o retrato de um ministro do régulo de Antim, em 21 de Fevereiro, e, por fim, um grupo de sargentos em Bissau, no dia 28 do mesmo mês³. As fotos não estão assinadas, mas *O Século* refere-se a

¹ – O Dr. Lourenço Correia de Matos encontrou na Torre do Tombo, no registo paroquial de Santa Isabel, em Lisboa (B-30, fl. 219), o assento de baptizado de um irmão mais novo de José de Mello, Júlio, que nasceu a 25 de Agosto de 1881 e foi baptizado a 30 de Setembro do mesmo ano. O assento – que indica os nomes dos avós paternos (Alexandre José de Mello e Bernardina Rosa de Mello) e maternos (Manuel Romano Henriques e Maria Marcelina Medina Henriques) – revela um dado curioso: o padrinho de Júlio era Júlio César Jansen Verdades, negociante e proprietário na Guiné Portuguesa. Essa ligação de amizade da sua família com Júlio César pode explicar, pelo menos em parte, que José de Mello tenha decidido acompanhar a expedição militar portuguesa à Guiné em 1908.

² – Alguns meses antes, na campanha do Cuamato, em Angola, um oficial que participou nessa campanha, o alferes Alfredo José Veloso de Castro, fez diversas fotografias, algumas das quais, segundo a *Ilustração Portuguesa*, que as publica, “debaixo de fogo”, o que o tornaria no primeiro fotógrafo de guerra se fosse um profissional e não um amador, embora qualificado, que não tinha na fotografia o seu modo de vida.

³ – A publicação destas fotografias logo no início de Janeiro de 1908 mostra que José de Mello já se encontrava na Guiné em pelo menos fins de 1907, muito antes, portanto, da chegada da expedição militar mandada por Lisboa em Março de 1908, apesar de ter sido inicialmente prometida para o fim de 1907.

José de Mello em crónicas do seu correspondente. Por sua vez, *A Lucta*, numa crónica do seu colaborador Jaime Augusto da Graça Falcão, um comerciante que em tempos fora oficial do exército e nessa qualidade combatera na Guiné, afirma que “*O Século* mandou um fotógrafo para tirar vistas para a *Ilustração Portuguesa*”⁴. Com efeito, no seu número de 8 de Junho de 1908, aquele semanário publicou um artigo intitulado “A Guerra da Guiné” ilustrado com 12 fotografias devidamente identificadas como “clichés de José de Mello”. Todavia, no arquivo do jornal, hoje na Torre do Tombo, não existem quaisquer fotos originais de José de Mello⁵.

Claro que, nesses anos, os recursos técnicos não permitiam ao fotógrafo captar instantâneos dos combates: as fotos são anteriores ou posteriores: a preparação e as consequências. É assim que vamos encontrar o desembarque dos cavalos, as tropas em marcha ou nas trincheiras com as espingardas apontadas, testemunhos dos preparativos, ou então mortos no terreno ou aldeias incendiadas, testemunhos do fim do combate.

Enquanto esteve na Guiné, José de Mello dedicou-se também a fotografar as gentes e as paisagens locais. Algumas dessas fotos foram utilizadas em postais da Guiné impressos em França, o que não é para admirar dada a existência de várias e importantes casas comerciais francesas estabelecidas no território. Outras, incluindo algumas dele próprio, foram reunidas pelo fotógrafo num nutrido álbum⁶ dedicado a D. Maria Esther da Silva Gouveia, que depois apurei ser filha, e ainda muito jovem, do importante comerciante local António da Silva Gouveia⁷.

Todavia, José de Mello deve ter decidido deixar a Guiné pouco depois de terminadas as campanhas, talvez porque não se lhe antolhasse ali grande futuro para um fotógrafo, e deverá ter voltado para Lisboa de onde, segundo recordações da família, emigrou para os Estados Unidos, cerca de 1910, com dois filhos. A mulher, Carlota Alfama (descendente de portugueses radicados em São Nicolau), deveria juntar-se-lhe mais tarde mas desistiu da viagem quando já ia no bote a caminho do vapor que a levaria para Nova Iorque e nunca mais, ao que parece, se soube dele. Julga-se que José de Mello fundou em Brooklin uma casa fotográfica e é possível que haja descendentes vivos nos Estados Unidos, mas não consegui encontrar sequer referência à sua entrada no país, que não deverá ter sido por Ellis Island cujo sítio na Internet, que consultei, não refere o seu nome. Também o registo do passaporte que certamente pediu para emigrar não existe, pois estão em falta, na Torre do Tombo, os anos entre 1900 e 1919. Nos seus parentes que vivem em Portugal e em Cabo Verde – e aos quais, em particular à Sra. D. Mary Oliveira, aqui deixo expresso o meu reconhecimento pelos esforços que fizeram para me fornecerem os poucos elementos de que dispunham – já pouca memória resta.

6

4 – 19 de Abril de 1908.

5 – As fotos são actualmente propriedade de xxxx.

6 – Este álbum é actualmente propriedade de xxxx.

7 – *O Almanach Palhares para 1908 – Burocrático, Commercial, Industrial e Litterario do Continente e Ultramar*, identificava António da Silva Gouveia como “negociante de África”, da firma Silva Gouveia e C^o, com sede em Lisboa na R. Victor Cordon, 19-2^o.

Para se apreciar devidamente o trabalho de José de Mello no terreno, numa altura em que à fotografia, como elemento de informação, não se atribuía demasiada importância, é preciso recordar o que foram estas campanhas, que não deixaram muita memória, como atrás observei. A explicação para este relativo esquecimento talvez resida no facto de estarem muito próximas das campanhas de Teixeira Pinto (entre 1913 e 1915), mais importantes porque delas resultou uma sólida unificação administrativa da Guiné Portuguesa, agora Guiné-Bissau⁸, que deu origem a uma consciência nacional que perdurou até aos dias de hoje.

O GOVERNADOR MUZANTY

João Augusto de Oliveira Muzanty nasceu em Lisboa, na freguesia do Coração de Jesus, a 17 de Outubro de 1872, e foi baptizado em 31 de Dezembro desse mesmo ano⁹. Era filho de João Luiz Muzanty Júnior (1844-1904), então tenente do Estado-Maior, e de Emília Cândida de Lacerda Pamplona Corte Real Betencourt de Oliveira Muzanty (1837-1894), natural do Porto. Um tio paterno, Augusto Luiz Muzanty morreu tenente-coronel na reserva em 14 de Janeiro de 1919. Assentou praça no corpo de alunos da Armada em 5 de Novembro de 1888 como aspirante de 2ª classe de Marinha e foi o 8º do seu curso, concluído em 1892. Guarda-marinha em 1893, foi promovido a 2º tenente em 1895. Fez parte da guarnição da canhoneira "Liberal" durante as campanhas contra os Namarrais e de Gaza, ambas em 1897, e foi louvado pela forma como cumpriu o seu dever "embora não tivesse ocasião de se distinguir durante as operações de guerra". Foi depois comandante da lancha-canhoneira "Capello", no rio Limpopo, entre 17 de Março de 1897 e 8 de Março do ano seguinte, regressando então a Lisboa. Em Janeiro de 1900. foi nomeado chefe da comissão de limites da Guiné, tendo terminado o serviço de delimitação, já 1º tenente (fora promovido em 1902) em Junho de 1905. Esteve várias vezes em Lisboa, durante esses anos, por períodos longos mais ou menos coincidentes com os períodos das chuvas na Guiné (Maio-Novembro). O profundo conhecimento da Guiné que adquiriu durante esses anos justifica que em Junho de 1906 tivesse sido nomeado governador da Província, aonde chegou, nessa qualidade, em 13 de Agosto seguinte. Manter-se-ia no cargo até 28 de Janeiro de 1909 (deslocou-se a Lisboa entre 20 de Julho e 17 de Novembro de 1907 e entre 15 de Julho e 13 de Dezembro de 1908). Casara, entretanto, em Janeiro de 1907, com D. Amélia Vieira (de quem enviuvou em Outubro de 1922).

⁸ - O actual território da Guiné-Bissau herdou os limites definidos para a Guiné Portuguesa pela Convenção Luso-Francesa de 1886, para a qual, aliás, Oliveira Muzanty dera importante contribuição. Note-se que no Portugal do séc. XV o termo Guiné tinha um sentido muito mais vasto: designava a *Terra dos Negros*, por oposição à *Terra dos Mouras*, os azenegues ou alarves, para Norte do Rio Senegal.

⁹ - O primeiro Muzanty de que há registo em Portugal - provável antepassado do futuro almirante - é o italiano João Muzanty que em 1803 requereu, com António Centazi, também italiano, autorização para "abrir uma fábrica de licores na outra banda", pedido, aliás, recusado pela Junta de Comércio (Francisco Santana, in *Documentos do Cartório da Junta do Comércio Respeitantes a Lisboa, 1755-1804*). Câmara Municipal de Lisboa, 1976, p. 631 [Informação que agradeço ao dr. Lourenço Correia de Matos].

Como governador, Oliveira Muzanty organizou e comandou diversas operações militares (de 21 de Março a 28 de Abril de 1907 no Oio, de 21 de Novembro de 1907 a 31 de Janeiro de 1908 no Geba, e de 19 de Março a 15 de Maio de 1908 na ilha de Bissau¹⁰, tendo participado em combates como o de Gã-Turé [6/7 de Abril de 1908] e os travados em Intim entre 4 e 11 de Maio de 1908, que foram os últimos das suas expedições. Muzanty, não só foi louvado pelo “zelo, dedicação, inteligência e infatigável esforço” com que exerceu o cargo de governador da Guiné, como lhe foram concedidas, em 28 de Janeiro de 1909, o dia da sua exoneração, as honras de «oficial às ordens de S. M. El-Rei “em atenção ao seu merecimento e aos serviços que prestou como combatente da coluna de operações na Guiné em 1908”. Por despacho publicado no *Diário do Governo* de 13 de Janeiro de 1910, foi nomeado para fazer parte da comissão que ia estudar a organização da marinha colonial e em Abril de 1910 recebeu dois louvores: a 7, “pelo zelo e inteligência como se desempenhou na comissão que lhe foi cometida para estudar a reorganização da Marinha na parte que diz respeito à polícia e fiscalização das costas e rios das possessões ultramarinas” e a 22 “pelo zelo e inteligência como se desempenhou do serviço que lhe foi cometido para estudar a reorganização administrativa da província da Guiné”. Em 29 de Maio seguinte, foi condecorado, juntamente com outros oficiais (de menor patente e, por isso, em graus inferiores) com o grau de Comendador da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, “por relevantes serviços prestados nas operações realizadas na Província da Guiné em 1908”. Finalmente, a 1 de Junho de 1910 foi encarregado do comando da canhoneira “Limpopo”, à qual seria cometida a fiscalização da costa entre Lisboa e Viana do Castelo. O vice-almirante Augusto de Castilho na “Informação para oficial em serviço em terra”, com data de 5 de Julho de 1909, foi elogioso: “Este oficial, que tem uma grande experiência do território da Guiné, esteve sempre muito afrontado com o geral estado de guerra da província e não pôde porventura produzir o que em condições de paz teria produzido. Tenho dele boa impressão.”

Todavia, pelo menos um sector dos comerciantes portugueses da Guiné não apreciou a sua governação. Nos jornais¹¹ já haviam surgido várias insinuações, em correspondências da Guiné, contra decisões do governador, mas o mais violento ataque foi desferido num opúsculo¹² intitulado *Acudam à Guiné*, dirigido “a S. M. El-Rei, aos Deputados da Nação e Ao Povo Portuguez”, datado de Bolama 14 de Novembro de 1908, publicado em Lisboa em Dezembro do mesmo ano e assinado pelo comerciante José Monteiro de Macedo, que era também correspondente do *Jornal do Commercio*, onde assinava com as iniciais J. B. M. M.. A publicação deste opúsculo foi provocada – segundo diz o autor – pela notícia, “triste e desconsoladora” de que Muzanty talvez fosse reconduzido no cargo de governador da Província, o que seria “uma provocação lançada à face dos seus habitantes [...] a glorificação da prepotência [...] um

8

¹⁰ – Bissau já não é ilha, devido ao envasamento do rio Geba.

¹¹ – Por exemplo, o diário republicano *O Radical*, em 28 de Julho de 1908, já com as campanhas terminadas, elogiava o oficial mas criticava o seu governo: “O sr. Muzanty é um bom oficial de Marinha, para o que tem habilitações, prática e vocação. Para o desempenho de funções políticas e administrativas, faltam-lhe exactamente aqueles requisitos. O que aqui se tem publicado acerca da Guiné e ainda o mais que em breve se publicará, demonstrará à evidência que o sr. Muzanty bom oficial e boa pessoa, tem sido um péssimo governador da Guiné.”

¹² – Tipografia da Empresa da Historia de Portugal, Rua Ivens, 45-47, Lisboa, 1908.

UM SARGENTO DESCREVE AS CAMPANHAS DE MUZANTY

Em 1937, o 2º sargento reformado António dos Anjos publicou em Bragança¹⁹³ um pequeno opúsculo com um título longo: Resumo do que era a Guiné Portuguesa há vinte anos e o que é hoje – Para cujo progresso muito contribuiu o capitão de infantaria João Teixeira Pinto.

António dos Anjos – que segundo ele mesmo diz só chegou à Guiné em Março de 1911, quase três anos depois, portanto, do fim das campanhas de Muzanty – seguramente ouviu delas falar e recorda-as. Embora não traga qualquer elemento novo para a sua apreciação, não deixa de ser curioso ver como se lhe refere:

“ • Em 1907 travaram-se divergências na povoação de Sançancuto (mais adiante escreve San-Sancuto) entre o comandante militar de Bafatá, tenente Forte (*sic*) e o Régulo Infali Soncó, chegando mesmo o régulo a prender o comandante de Bafatá, conservando-o preso por algum tempo.

- Tendo conhecimento do caso, um comerciante de Cabo Verde, de nome Pedro Moreira, que se encontrava residindo próximo, dirigiu-se ao local, pedindo a Infali Soncó, para que soltasse o referido comandante militar, o que foi prontamente atendido, sendo desde logo posto em liberdade, o qual se dirigiu a Bambadinca e dali para Bafatá.

- Pouco depois morreu o régulo do Xime e o comandante então nomeou como encarregado deste regulado, um outro indígena.

- Como os filhos do régulo falecido não ficassem satisfeitos com a posse de um régulo estranho à família de seu pai e à qual eles se julgavam com direito pediram ao régulo Boncó auxílio para fazer guerra ao novo régulo, ao que este cedeu, fazendo-se guerra um ao outro; e como neste combate não tivessem obtido bom resultado, pediram também auxílio ao régulo Infali Soncó, o qual se prontificou a auxiliá-los, travando-se então nova guerra, na qual andaram aproximadamente dois dias.

- Chegaram então forças militares vindas de Bissau pedidas pelo chefe do posto militar do Xime.

- As forças militares começaram a fazer guerra com Boncó, na povoação de Campampe. Travou-se o tiroteio e em pouco tempo estava tomada a povoação, tendo o Boncó de fugir com a sua gente e ir juntar-se a Infali Soncó, para assim os dois régulos juntos poderem oferecer maior resistência à força militar.

- A coluna atravessou o rio Geba e foi a (*sic*) atacar o Infali Soncó e Boncó, travando-se o combate na povoação de San-Sancuto, residência do Infali.

- Nesta povoação, os dois régulos juntos ofereceram grande resistência, mas vendo que tinham certa a derrota, fugiram indo refugiar-se no Oio. Durante a guerra, planejaram uma traição à canhoneira, com o fim de massacrarem a tripulação!

¹⁹³ – Tipografia Académica.

- Certo dia, indo a canhoneira *Cacheu* rio abaixo no porto de Tamba Cumba, encontrou um paiolão (*em nota o autor diz que se trata de uma árvore produtora de sumauma*) tombado sobre o rio e uma corrente de ferro amarrada numa e outra margem com o fim de à chegada da canhoneira não poder esta avançar.

- Quando ela chegou foi alvo de muitos tiros que fizeram duma das margens. Os marinheiros deram toda a força à máquina e a canhoneira arreventou a corrente e seguiu viagem, mesmo furada por um tiro.

- Em 1908 nova coluna de operações veio da Metrópole para bater os Papeis, onde vinha incorporada uma Companhia de Infantaria 13 de Vila Real de Trás-os-Montes.

- Esta coluna desembarcou em Bissau e seguiu até ao alto do Intim, Bandim e Contum, mas o comandante da artilharia terminou por dar as peças incapazes, retirando então a coluna para Bissau.

- Nesta coluna tomou parte também a Companhia Mixta da Guiné. A coluna esteve algum tempo acampada em Intim.

- Durante este tempo, o alferes Duque avançou com um destacamento em serviço de reconhecimento até à povoação de Contum; então o gentio aproveitou a ocasião para atacar aquela pequena força, sendo morto naquela povoação o referido alferes Duque.

- Aquela pequena força, mesmo já sem comando, conseguiu fazer a retirada em ordem de Contum a Intim, além de ser perseguida pelo gentio; por isso foram retirando e combatendo sempre à medida que o gentio se lhe aproximava.

- Nesta coluna houve as seguintes baixas: Mortos, o alferes Duque e dois soldados indígenas. Feridos, o capitão Montalvão e 2 soldados de Infantaria 13; um soldado europeu da Companhia Mixta e dois soldados indígenas.

- Estas operações foram comandadas pelo governador Mozanti [*sic*]."

No seu opúsculo, o sargento António dos Anjos refere ainda expedições e combates posteriores às acções da campanha:

- Também em 1908, encontrava-se de administrador e comandante militar na vila de Farim, o alferes Augusto José de Lima Junior (natural de Cabo Verde).

- Os balantas como o seu ideal era roubar, desde longo tempo vinham roubando os transeuntes, indo mesmo roubar os mandingas às suas povoações, indo também roubar à vizinha colónia francesa e lá mesmo assassinavam para roubar.

- Em vista disto, o governador da colónia francesa mandava queixas ao governador da Guiné, onde pedia providências; queixas estas que o governador transmitia ao comandante militar de Farim, dizendo-lhe que empregasse todos os meios ao seu alcance, a fim de pôr termo àquele estado de coisas.

- Eram chamados à obediência pelo comandante militar, por meios suaves os balantas daquela região, mas não obedeciam.

- Com respeito ao pagamento do imposto de palhota, nem nisso pensar! eram baldados os esforços empregues pelo comandante, respondendo com modos provocadores a todos os convites feitos por ele.

- O alferes Lima organizou então uma coluna de operações, composta de todo o destacamento militar de que era comandante.

- A coluna tinha a seguinte composição: comandante da coluna, o comandante militar e administrador, alferes Lima; dois 2^{os} sargentos: um segundo sargento enfermeiro, quatro cabos europeus; cinquenta soldados europeus, trinta soldados angolenses e quinhentos auxiliares indígenas.

- A tropa estava armada de espingardas Kropatschek e os auxiliares de espingardas Snider.
- O governador, em vista do revés que acabava de ter a coluna, nos Papeis, receava autorizar o alferes Lima a bater aquela região para obrigar os indígenas rebeldes a submeterem-se à nossa soberania. No entanto, em vista das constantes insistências que lhe eram feitas pelo referido alferes Lima, autorizou-o.
 - Eram 5 horas do dia 8 de Junho.
 - A coluna pôs-se em marcha, indo pernoitar na povoação de Bubor, que encontrou despovoada, tendo-se o gentio escondido no denso mato próximo à povoação e de lá observava todos os movimentos que a coluna fazia.
 - No dia 9, saíram para explorar o caminho, alguns cavaleiros, encontrando o chefe da povoação de Simbor, que foi preso e conduzido para bordo de uma lancha do Estado que se encontrava ancorada no porto de Sam-Sancuto.
 - No dia 10, levantou o acampamento de Bubor, passando pelas povoações de Simbor, Sambuiá e Talicó, que se achavam desertas, tendo os habitantes ido para Samage.
 - Esta povoação estava fortificada com três ordens de paliçada de *pau-ferro* e *pau-carvão* (*em nota de pé de página o autor informa que se trata de árvores de madeira muito resistente*) onde todos os indígenas da região se encontravam concentrados.
 - Na altura em que a coluna chegou à povoação de Samague, os balantas não querendo ir à fala com o respectivo comandante, que, com intuitos pacíficos, tentava chamá-los à ordem, responderam com ameaças, prometendo torcer o pescoço ao mesmo comandante e correr com a força do comando deste, até ao limite das suas terras.
 - Nesta altura foi dado o ataque decisivo, travando-se renhidos combates com as nossas forças durante 8 horas, pois que começou às 8 horas, aproximadamente, tendo terminado às 16 com a vitória para as nossas armas e fugindo o gentio espavorido para o norte, perseguido pelos auxiliares e, dali a pouco, estava a povoação ardendo em chamas.
 - As nossas forças tiveram 27 baixas, entre mortos e feridos, sendo 8 mortos e 19 feridos, um dos quais foi o 2º sargento António Joaquim Pereira, em virtude do que foi reformado.
 - Da parte dos rebeldes houve cerca de 500 baixas.
 - Três dias depois apresentaram-se eles a pedir paz, prometendo não voltar mais à prática dos seus desmandos e violências, o que efectivamente se provou ser verdade visto que não mais deixaram de acatar as ordens dadas pelas autoridades, pagando sempre o respectivo imposto de palhota e a multa de guerra de 300 vacas que no momento da sua apresentação lhe fora imposta.
 - Esta acção militar que teve como efeito o sossego da região de Samoge, limítrofe do território francês, foi muito apreciado e elogiado num jornal de Dacar, em artigos escritos pelo então administrador de Sediú, Monsieur Brocard.
 - Terminadas estas operações, como estímulo ao grande feito de armas, foi o alferes Lima – actualmente capitão reformado – condecorado com a medalha da Torre e Espada.”

Embora esteja fora do âmbito deste trabalho – designadamente por que José de Mello, que se saiba, nada fotografou desta acção e porque ela nada teve a ver com a expedição cuja missão terminara em Maio, pareceu-me interessante

reproduzir este raro testemunho, confirmativo de que muito ficou por fazer na Guiné em termos de imposição da soberania portuguesa, que só Teixeira Pinto, como se disse, concretizaria poucos anos depois.

Passados 15 anos, em 1953, António dos Anjos volta a publicar em Bragança novo opúsculo sobre as campanhas de 1908¹⁹⁴, agora em versos que me abstenho de apreciar mas que não resisto a transcrever para fechar este trabalho:

Para bater os papeis em 1908/Foram de Vila Real transmontanos afamados, /Eles tinham nome/De serem bons soldados./Retiram do alto de Intim/Para não serem derrotados.//Pareceu-lhes que a retirada/Era a melhor saída/Mas quando esta foi feita/ O Alferes Duque tinha lá deixado a vida.

¹⁹⁴ - *Campanhas, Massacres na Guiné - Heroicidades* (Versos) - Tip. Académica, Bragança, 1953.

BIBLIOGRAFIA

- Anjos, António dos – *Resumo do que era a Guiné Portuguesa há Vinte Anos e o que é Hoje Para cujo progresso muito contribuiu o capitão de Infantaria João Teixeira Pinto*. Tip. Académica, Bragança, 1937
- *Campanhas, Massacres na Guiné – Heroicidades (Versos)* – Tip. Académica, Bragança, 1953
- Barreto, João – *História da Guiné, 1414-1918*, Ed. do Autor, Lisboa, 1938
- Caetano, Marcello – *Portugal e a Internacionalização dos Problemas Africanos*, Ed. Ática, Lisboa, 1956, 3ª edição
- Chagas, Frederico Pinheiro – *Na Guiné (1907-1908)*, Lisboa, Ed. do Autor, 1910
- Djaló, Tcherno – *Traditions, métissage et pouvoir politique en Guinée-Bissau*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Económicas e Sociais da Universidade de Genebra, Texto policopiado, 1997
- Ennes, António – *A Guerra de África de 1895*
- Esteves, Maria Luísa – *A questão de Casamança e a delimitação das fronteiras da Guiné*. Instituto de Investigação Científica e Tropical, Lisboa, 1988.
- Marquis de Liveri de Valdausa – *Notice sur la Guinée Portugaise*, Biarritz, 1910
- Matos e Lemos, Mário – *Os portugueses na Guiné*. Crédito Predial Português, Lisboa, s/d
- Martins, Coronel E. A. Azambuja – *O Soldado Africano de Moçambique*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1936.
- Martins, General Ferreira – *Glórias e Martírios da Colonização Portuguesa*, IV vols., Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1939
- Matos, Luís de – *A delimitação das fronteiras da Guiné*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Lisboa, 1966
- Miguelis, João José de Melo – *Apontamentos por ordem cronológica relativos às campanhas para a pacificação da Guiné desde 1834 a 1924*. Sociedade de Geografia, Reservados – 1 Pasta E-21
- Miranda, Filomena – *Grandes famílias luso-africanas guineenses ou Gans do séc. XIX* – Comunicação ao Colóquio “Bolama – Caminho Longe”, 1990
- Monteiro, José Maria Sousa, *Diccionario Geographico das Províncias e Possessões Portuguesas no Ultramar*, Lisboa, 1850
- Pélissier, René – *Naissance de la Guinée*, ed. René Pélissier, Orgeval, 1989 [trad. portuguesa em 2 vols., com o título *História da Guiné* – Editorial Estampa, Lisboa, 1989]
- Ponte, Luís Nunes da – *A Campanha da Guiné (1908). Breve Narrativa*. Ed. do Autor, Porto, 1909
- *Honório Pereira Barreto* – Separata do Boletim da SGL, nºs 10 a 12 da 71ª série, 1953, Lisboa
- *Formas de Colonização* – Congresso Comemorativo do V Centenário do Descobrimento da Guiné, Vol. I, Lisboa, 1946
- Reis, Célia – *Guiné*, in *Nova História da Expansão Portuguesa*, pp. 146 a 200
- Roche, Christian – *Histoire de la Casamance*, Ed. Khartala, Paris, 1985

Santos, João António Correia dos – *Subsídios para a História Política e Militar da Revolução de 14 de Maio de 1915*, Lisboa, 1915

Vasconcelos, Luís Loff de – *Como nós colonizamos – Interpretação da lei das concessões de terrenos no Ultramar. Processo entre a Fazenda Nacional e António da Silva Gouveia e consorte*. Composto e Impresso na Tiberty – 88, Rua do Livramento, 90, Lisboa, 1907

Walter, Jaime – *Honório Pereira Barreto*. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1947

Publicações periódicas

Boletim Oficial do Governo da Província da Guiné Portuguesa, Revista Portuguesa Colonial e Marítima, Coleção dos Boletins Militares do Ultramar do Ano de 1908, Correio da Manhã, Correio do Norte, Diário de Notícias, Diário Ilustrado, O Direito, O Economista Português, Ilustração Portuguesa, Jornal das Colónias, O Jornal do Commercio, A Lucta, Noticias de Lisboa, Novidades, O Ocidente, A Província, O Radical, O Século, A Vanguarda, O Villarealense

Documentação

Arquivo Histórico Ultramarino, particularmente a Caixa 1 (2ª Divisão, 4ª Secção); arquivo Histórico-Militar, Guiné, 2ª Divisão, 4ª secção, Caixas 1 e 2

Arquivo Militar

Arquivo de Marinha

Arquivo da Torre do Tombo